

## O folhetim como arena de disputas político-partidárias: Os usos políticos das produções folhetinescas nos periódicos teresinenses (1883 e 1889)

Wellington dos Santos Pereira\*  
Pedro Pio Fontineles Filho\*\*

1

### Resumo

O artigo analisa os usos políticos das produções folhetinescas dos periódicos teresinenses nos anos de 1883 e 1889. As variedades de gêneros narrativos que aportavam nos jornais da capital piauiense evidenciaram que o espaço tipográfico localizado no rodapé do jornal, antes de ser um lugar exclusivo do gênero romance, destinado ao público feminino, era sobretudo *locus* de outros gêneros como as crônicas, as poesias, relatos de viagens e biografias. Eram também habitados pelas disputas político-partidárias. Em meio às imbricações que a literatura e a imprensa constituíram no século XIX, estabelecendo novas configurações ao campo da literatura e do jornal, as tensões políticas encontravam nos folhetins meio de visibilidade e desenvolvimento. Mais do que isso, essas miscelâneas folhetinescas abrem possibilidades para entendermos as visões de mundo construídos em torno e a partir dos folhetins. Entender a cultura política de um período é compreender como a realidade é construída e, assim, visualizar um dado cenário político, bem como as crenças e valores sociais de uma época. Nesse sentido, o texto tomará como recorte temporal os anos de 1883 e 1889, fato que se justifica pela ocorrência dessa tipologia de produções nos jornais da capital piauiense. O *corpus* documental utilizado para analisar as querelas políticas e as disputas de poder foram as produções folhetinescas publicados nos periódicos *O Latiquara*, *Semanário* e *A Phalange*. Para tanto, dialogaremos com Meyer (1996), Nadaf, (2002), Lise Dumasy Queffélec (2011), Berstein (1998), Rémond (2003).

**Palavras-chave:** Imprensa; Folhetins; Cultura Política; Brasil Império; Piauí.

### Abstract

This article analyzes the political uses of the feuilleton productions of Teresina periodicals in the years of 1883 and 1889. The ranges of genres that appeared in the newspapers of the capital of Piauí showed that the typographic space located at the bottom of the newspaper, before being an exclusive place for the romance genre (which aimed at the female audience), was mainly the locus of other genres such as chronicles, poetry, travel reports and biographies. It was also dwelled by political-party disputes. In the midst of the overlaps that literature and the press constituted in the 19th century, establishing new configurations in the field of literature and the newspaper, the political tensions could found in serials a means of visibility and development. More than that, these feuilleton miscellany can open up for us possibilities to understand the worldviews built around and from the feuilletons. Understanding the political culture of a period is to understand how reality is constructed and, thus, visualize a given political scenario, as well as the beliefs and social values of a time. In this sense, the text will take as a time frame the years of 1883 and 1889, a fact that is justified by the occurrence of this type of production in the newspapers of the capital

\* Professor de Educação Básica da Secretaria da Educação do Piauí. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí e Graduado em História pela mesma universidade.

\*\* Professor Adjunto da Universidade Estadual do Piauí e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Doutor em História Social pela Universidade Federal do Ceará.

of Piauí. The documentary corpus used to analyze the political quarrels and power disputes were the serial productions published in the periodicals “O Latiquara”, “Semanário” and “A Phalange”. Therefore, we will dialogue with Meyer (1996), Nadaf, (2002), Lise Dumasy Queffélec (2011), Berstein (1998), Rémond (2003).

**Keywords:** Press; Feuilleton; Political Culture; Brazilian Empire; Piauí.

### À guisa de Introdução: um fenômeno poliédrico denominado folhetim

Partindo de uma imagem de Gramsci que vê o romance popular como um "fenômeno poliédrico" e de outra, forjada por um grande estudioso de Eugene Sue, Jean-Louis Bory, tento "dar a volta ao monstro", para tentar abarcar as diferentes faces do "poliedro" (MEYER, 1994, p. 123).

O subtítulo que nomeia os aspectos introdutórios do presente texto encontra em uma das pioneiras dos estudos sobre folhetim no Brasil, Marlyse Meyer, notória influência. Em uma de suas célebres produções sobre a fórmula surgida no rodapé do jornal, “Um fenômeno poliédrico: O romance-folhetim francês do século XIX” (1994, p. 123-135), a pesquisadora destaca um importante aspecto para entender o espaço tipográfico que surgiu em fins do século XVIII na Europa. Ao aproximar a figura do folhetim a um poliedro, concepção primeiramente utilizada pelo filósofo, historiador e crítico literário, Antonio Gramsci, ao se referir à emergência do gênero romance, conforme evidenciado acima, Meyer aponta para os múltiplos usos e formas que as produções folhetinescas apresentam. Afinal de contas, “tudo cabe no poliedro que ainda oferece muitas faces e exploradores múltiplos” (MEYER, 1996, p. 414).

Em virtude das infinitas possibilidades de se ler os folhetins, Meyer prioriza a análise dos romances-folhetins, uma das inúmeras faces desse poliedro. É inconteste as contribuições da autora no que se diz respeito a emergência, partindo da perspectiva que concebe o berço das produções folhetinescas a partir de Paris, as diferentes fases que compõem o repertório dessas produções bem como as transformações que a fórmula instituiu ao jornal, que demarca no século XIX o início de sua popularização, e na literatura, ao proporcionar uma nova lógica dando um novo sentido ao campo literário. A autora reforça: “o importante é focalizar o fato de que o folhetim não é algo unívoco, fechado, mas tem uma história, a qual se inscreve na história” (MEYER, 1996, p. 18).

O trabalho de Meyer influenciou outras produções. O caráter multifacetado que os folhetins adquiriram ao longo do tempo parece convergir com outras produções que tomam o suporte como objeto de estudo. Yasmim Nadaf (2002), a fim de iluminar a problemática para investigar a emergência e as características dos folhetins, objetiva analisar sua emergência na província de Mato Grosso no final do século XIX e início do século XX. Por certo, a última

pesquisa pode ser considerada referência em termos de estudos sobre o espaço tipográfico no Brasil.

Merece destaque a forma como a pesquisadora ilumina essa produção presente no rodapé dos jornais por meio da ideia de “Miscelânea”. O termo em questão traz como significado a ideia de variedade, multiplicidade. Nadaf (2002, p. 54) aponta que “o folhetim divulgava também outras formas de escritas de autores brasileiros, entre eles a poesia, a dramaturgia, os relatos históricos e a crônica”. Segundo a autora, uma diversidade tipológica de folhetins traria por consequência uma variedade de temáticas a serem abordadas em suas produções: “Os assuntos distribuíam-se entre a política partidária e progressista, a história, a educação, a religião, a saúde médica e sanitária, a cultura, a literatura, as efemérides, os conhecimentos gerais e o já citado tema do amor” (NADAF, 2002, p. 66).

Para Lise Dumasy- Queffélec (2011), pesquisadora que circunscreve seus estudos no campo da História cultural da imprensa francesa, as produções folhetinescas são significadas pela perspectiva de espaço tipográfico. Por meio dessa chave de leitura, a autora possibilita evidenciar de maneira clara a ideia de multiplicidade que o suporte carrega. Assim como Nadaf (2002), a pesquisadora francesa significa o folhetim não apenas como o espaço do romance, mas o lugar da pré-publicação, das críticas teatrais, anedotas, palestras, relato (DUMASY-QUEFFÉLEC, 2011, p. 927-928).

Em *Ao Pé do jornal: o espaço tipográfico do folhetim na imprensa paulistana (1851-1946)*, Patrícia Trizotti (2016) analisa a produção folhetinesca de dois jornais paulistas: *O Estado de S. Paulo* e o periódico *O Correio Paulistano*. Segundo a autora (2016, p. 15), “o folhetim tornou-se sinônimo de texto em partes e o termo era utilizado em situações que iam desde seu uso como sinônimo de panfleto até boletim esportivo. “Assim, a palavra é polissêmica tanto hoje como no século XIX”.

O balanço historiográfico sobre a temática se faz necessário para compreendermos como o objeto de estudo é significado. Mais do que isso, as discussões sobre os folhetins apontam para o amadurecimento do debate evidenciando o desenvolvimento de novos horizontes acerca dos estudos sobre o espaço tipográfico folhetinesco. De Meyer a Trizotti, passando por todos os autores problematizados na presente produção, a tarefa de compreender o rodapé folhetinesco perpassa pela ideia de entender o folhetim para além do romance o que nos leva a visualizar uma polissemia de usos e significados, ou seja, uma complexidade de gêneros que iam ao seu encontro. Esse aspecto nos ajuda a problematizar os folhetins fugindo dos lugares que convencionalmente colocam o espaço tipográfico como um *locus* destinado exclusivamente ao público feminino e, por extensão, destinados ao deleite desse público.

## O folhetim como arena de disputas político-partidárias...

Todas as problematizações elencadas acima nos ajudam a entender as dinâmicas das produções folhetinescas nos periódicos teresinenses. Ao debruçarmos sobre os folhetins dos periódicos teresinenses, foi possível perceber as miscelâneas, termo bastante utilizado por Nadaf (2002), de gêneros que aportavam no espaço tipográfico folhetinesco. Iam ao encontro do rodapé dos jornais da capital piauiense crônicas, poesias, relatos de viagem, resenhas. Esse caráter multifacetado abriu possibilidade para que investigássemos dois elementos sobre as produções folhetinescas nos periódicos teresinenses. Primeiro, as imagens do referido espaço tipográfico. Segundo as visões de mundo apreendidas e construídas por meio das publicações que encontravam no folhetim espaço de visibilidade e desenvolvimento.

Ao delimitar o objeto de nossa análise focaremos em investigar os usos políticos das produções folhetinescas nos periódicos da capital piauiense. E, nesse sentido, entender como o espaço era utilizado como lugar das tensões políticas da sociedade teresinense dos fins do século XIX. Para tanto, utilizaremos a noção de Cultura Política, de modo a iluminar tais disputas. Considerada “um dos elementos da cultura de uma dada sociedade”, a categoria será utilizada de modo a perceber “as motivações dos atos humanos num momento de sua história, por referência aos sistemas de valores, de normas, de crenças que partilham, em função da sua leitura do passado, das suas aspirações para o futuro, das suas representações da sociedade” (BERSTEIN, 1998, p. 363).

Desse modo, o presente texto analisa as tensões político-partidárias entre os partidos liberal e conservador por meio das produções folhetinescas que utilizavam o rodapé dos jornais como lugar de disputa e tensões políticas. O levantamento documental sobre os folhetins dos periódicos teresinenses apontou para a incidência de uma produção presente no rodapé do jornal de caráter político nos anos de 1883 e 1889, nos periódicos *O Latiquara*<sup>1</sup>, *O Semanário*<sup>2</sup> e *A Phalange*<sup>3</sup>. Destacamos que o período estudado corresponde a um conjunto de mobilizações, como por exemplo, a campanha abolicionista e o surgimento do Partido Republicano, que refletiram os desgastes do Império brasileiro a partir da emergência de novos arranjos que despontavam no cenário político.

Metodologicamente, o presente texto percorrerá dois itinerários em seu desenvolvimento. Primeiro, problematizaremos a ideia de folhetim como espaço tipográfico no sentido de evidenciar como as produções analisadas dialogam com as outras partes dos jornais. E esse elemento foi de

---

<sup>1</sup> O Jornal alinhado ao Partido Liberal criado em 1889 e direcionado a atacar o intelectual Simpício Resende.

<sup>2</sup> Jornal noticioso e semanal. Teve como proprietário Tomás de Moraes Rêgo e na redação A.J do Amaral Sobreira. Hígino Cunha trabalhou como colaborador a partir de 1882. Circulou entre 1875 e 1885.

<sup>3</sup> Órgão Conservador, tendo como proprietário e redator Simpício Coelho de Resende. Surgiu e circulou apenas em 1889.

fundamental importância para perceber o quanto as produções folhetinescas eram espaços de visibilidade das disputas político-partidárias. E, por último, analisar os ataques direcionados a sujeitos e jornais opositores.

### Para além das páginas: a política entre o fazer e o escrever

Utilizando o mapeamento de jornais teresinenses, produzido por Ana Regina Rêgo entre a segunda metade do século XIX e início do XX, torna-se evidente que grande parte deles estava a serviço dos partidos políticos, sendo, inclusive, considerados seus órgãos oficiais. Dos jornais analisados pela pesquisadora, produzidos no século XIX, são observáveis as disputas políticas entre os partidos Conservador e Liberal. São considerados do primeiro grupo *A Phalange*, criado em 1889 e dirigido por Coelho de Resende; *A Pátria*<sup>4</sup>, de 1871; *A Época*, de 1878, tendo como redator Teodoro Alves Pacheco<sup>5</sup>; *O Piauí*<sup>6</sup> e *O Semanário*. Do segundo conjunto, alinhados ao Partido Liberal, destacamos os jornais *A Imprensa*<sup>7</sup>, *A Reforma*<sup>8</sup>, *O Abolicionista*<sup>9</sup>, de 1884; *O Latiquara*, de 1889; e *O Telephone*<sup>10</sup>, de 1883. Desse modo, dos três periódicos analisados, dois são apontados como do Partido Conservador (*O Semanário* e *A Phalange*) e um pertencente ao Partido Liberal (*O Latiquara*).

O estilo de escrita jornalística Oitocentista – e devemos utilizar esse termo com muitas ressalvas, uma vez que o surgimento da figura do jornalista floresce no início do século XX, o que revela o processo de profissionalização da imprensa, pois em grande parte eram denominados redatores ou gazeteiros e os jornais chamados de periódicos, gazetas ou folhas (MOREL, 2015, p. 34) – constituía-se por meio de um panfletarismo agressivo, conforme assevera Rêgo (2001, p. 78). Atacar, combater e apoiar era parte do papel jornalístico da época, o que dava contornos à imprensa piauiense. Essa característica encontrava nos folhetins lugar de disseminação. A rubrica do

<sup>4</sup> Jornal de Propriedade de Agésilau Pereira da Silva. Surgiu em 1870, tendo circulado até 1872.

<sup>5</sup> Nascido em Teresina em 1851, atuando à frente do Partido Conservador na época do Império. Firmou sua trajetória no espaço político como governador da província do Piauí, em 1891, e deputado federal entre 1894-1895.

<sup>6</sup> Órgão do Partido Conservador, tendo como redator Antônio Coelho Rodrigues e Agésilau Pereira. Circulou apenas em 1867, quando foi substituído pelo periódico *A Opinião Conservadora*.

<sup>7</sup> Periódico de caráter político e semanário. Teve como redatores Deolindo Mendes da Silva Moura, David Caldas, Manoel Idelfonso de Sousa Lima, Jesuíno José de Freitas, Miguel Borges Leal Castelo Branco, Clodoaldo Freitas e Higino Cunha. Órgão do Partido Liberal. Circulou entre 1869 a 1889.

<sup>8</sup> Periódico Político, literário e noticioso cujo proprietário foi Mariano Gil Castelo Branco. Seus redatores foram Clodoaldo Freitas e Antônio Rubim. Jornal alinhado ao Partido Liberal, de tendência abolicionista. Circulou em 1887.

<sup>9</sup> Jornal voltado exclusivamente para a luta abolicionista. Não apresentava redatores ou proprietários. Circulou em 1884.

<sup>10</sup> Jornal de propriedade de Antônio Joaquim Dinis. Circulou entre 1883 e 1889. Com o golpe militar que instituiu a República, foi transformado em *O Estado do Piauí*.

## O folhetim como arena de disputas político-partidárias...

periódico *O Latiquara*<sup>11</sup>, de 1889, denominado *O Engole Espada*, apresenta-se como espaço de ataque contra a figura de Simplício Resende,<sup>12</sup> na época bacharelando em direito pela Faculdade de Recife:

Existe nessa cidade / Do palácio bem pertinho / Um certo senhor Simplício/  
Que é danado o sujeitinho / Sem nunca me fatigar / Sempre ao seu jogo  
propício/ Fiz durante muito tempo as delícias de Simplício / Mas, tendo pouco  
que dar/ Ao grandíssimo patife, / Elle a pretexto d'estudo / Si algum colega  
estranhava o seu viver desregrado / Respondia-lhe o sacana : / << Já'stou tão  
habituaado >> / Não houve tirá-lo disso / Simplício, pois regalou-se, / Deu por  
trancos e barrancos / Até que afinal formou-se.<sup>13</sup>

Um aspecto possível de localizar por meio do poema acima diz respeito à forma como a produção folhetinesca é empregada para desqualificar figuras públicas, reforçando os seus usos políticos. Elementos como a sátira, a difamação e o estilo panfletário aproximam o jornal dos pasquins, prática jornalística presente no século XIX. O periódico seria todo direcionado à missão de depreciar os atos de Simplício Resende, e isso é evidente quando abaixo da legenda do jornal encontramos seu objetivo, que estaria “dedicado em registrar as infâmias, crimes, torpezas e vilanias de Simplício Barnabé Resende e todos os seus arreios”<sup>14</sup>. Vale ressaltar, ainda, que o mesmo era direcionado ao público masculino, distribuído gratuitamente, uma vez por semana (PINHEIRO, 1997, p. 226).

O desregramento evidenciado como uma conduta desviante, utilizado como instrumento de crítica, nos aproxima das discussões produzidas em torno dos novos modelos de masculinidades, ocorridos em face de uma nova ótica social burguesa entre os séculos XIX e XX. Castelo Branco (2008), ao analisar esses novos discursos sobre os deveres masculinos, aponta para a ideia de que as condutas masculinas deveriam ser pautadas na disciplina. Esses modelos perpassados pelo polimento social, construídos por meio da instrução, das artes, das práticas escriturísticas, dariam ao mundo masculino novas configurações sociais. Nesse sentido, esses novos fazeres também podem ser definidos pelos seus contrários. Hábitos como a boemia, por exemplo, eram percebidos discursivamente como um problema moral à família. Uma outra leitura diz respeito ao âmbito da questão político-partidária, de modo a evidenciar como as disputas de poder se processavam.

<sup>11</sup> Segundo Pinheiro (1997, p. 226), tal jornal foi criado unicamente com o intuito de atacar o intelectual Simplício Resende e circulou apenas em 1889. Não temos informações da quantidade de edições, uma vez que conseguimos ter acesso somente a um exemplar.

<sup>12</sup> Nascido em 1841 na cidade de Piripiri, localizado ao norte do estado do Piauí. Tornou-se bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, tendo atuado na magistratura como Promotor Público e Juiz Municipal, nas cidades de Piracuruca, Parnaíba e Barras, pertencentes ao estado do Piauí. Atuou também como jornalista em periódicos como *A Época*, *A Phalange* e *O Democrata*. Foi Deputado provincial pelo Partido Conservador. Faleceu em Manaus em 1915.

<sup>13</sup> O ENGOLE ESPADA. *O Latiquara*. 1889, n. 01. p.02.

<sup>14</sup> O LATIQUARA, 1889, n 1, p.01.

Alinhado ao Partido Conservador, Simplício Coelho de Resende atraía para si as críticas de seus adversários políticos. Tal prática não se constituía como algo restrito somente ao referido sujeito, mas constituía como estratégia de ataque direcionada aos opositores, uma vez que a rivalidade política representava um elemento de constituição da cultura política imperial e do funcionamento das instituições do Brasil imperial.

Publicado em 1883, o folhetim *Vozes do Povo* apresenta uma possibilidade de como os usos políticos utilizam o espaço folhetinesco como instrumento de ataque. Analisando o título, é possível perceber o tom panfletário em suas linhas, uma vez que ele revela as práticas políticas, caracterizadas pelos desmandos e autoritarismo na cidade de Oeiras, com a demissão dos suplentes do juiz municipal, o uso da violência como instrumento de legitimidade política e espaço de disputa de poder e a crítica direcionada ao partido Liberal.

– Diz que vão ser demitidos todos os suplentes de juiz municipal, sem excetuar o famoso Chico Raimundo por já ser [...] rombudo, há de ser nomeada brava gente que entre nós edifique novo reino nunca d’antes destemido; gente de guerra, gente de fogo, de lama e lodo também, que não tenha um só rosto, nem uma só fé, que tudo possa ser, mas que de fato gente não é; gente que seja para o que der e vier como muito bem disse um certo cabano; gente que tome e nunca dê. ‘De quem vergonha é o natural reparo.’; ‘– Gente que seja para tudo e para nada sirva – para o que der e vier enfim; gentesuimo-acabanada que jamais possa dizer: enfim; TOUT EST PERDU, FORS L’HOUNNER!’

-Diz que o comandante da escolta já confessara por aí haver cumprido ordem de espancamento contra Tuna; mas que Polux, garantia plenas, protestara jamais aceitar ser o Castor os favores de Júpiter olímpico; engo ambos hão de passar por entre Seylla e Caribidis, a irem formar no céu das unanimidades escandalosas uma nova constelação protetora de todos os devotos da tirania muambeira.

-Diz que a situação liberal é somente aonde houver liberais do que não é sem, e que se deixam engolir todos por qualquer bicho de guela larga e grande bojo; por isto aqui será tirânica, despótica e opressiva; por isto também os liberais daqui já vão tendo vergonha de ser liberais.

E a verdade é que Tuna foi espancado dentro do seu domicílio; a verdade é que por aí se fala de uma próxima razoborra na suplência de juiz municipal; a verdade é que os defensores dos oprimidos são ameaçados pela consequência deste ato de caridade, e que o nome da primeira autoridade da província é invocado como talismã da infalível virtude em favor de todos os criminosos.

Vozes do povo...

Mas é muito mais que isto se diz por aí;

Quem quiser vá, e quem não quiser não vá lá.

Z.

Oeiras, 8 de outubro de 1883.<sup>15</sup>

O tom denunciativo, caracterizado por uma construção narrativa direta e formal, nos levou a crer que o texto não podia ser caracterizado como literário. Entretanto, a utilização de recursos literários compõe a presente narrativa, como o uso de pseudônimos, instrumento que se constituía um estilo literário da época, bem como a utilização de figuras da mitologia grega, como Pólux e Castor<sup>16</sup>, possivelmente intencionando, dá uma certa erudição. Rêgo (2001, p. 78) aponta que o estilo do jornalismo piauiense, do período, transparece por meio de um panfletarismo agressivo, a evidência de construções bem elaboradas, com domínio de normas gramaticais e discussões de cunho científico e filosófico.

No Brasil o campo literário vai ao encontro da imprensa periódica em meados de 1839 (CANO, 2015, p. 76). É nesse período que assistimos a ocupação dos literatos na redação dos jornais possibilitando que esse espaço tipográfico fosse também o lugar dos romances, das poesias e de outros gêneros literários. Nesse aspecto, o folhetim se apresentava como o ponto de confluência entre jornalismo e literatura (PENA, 2017). Marie-Éve Thérenty (2015, p. 289) destaca que a utilização de recursos literários não se dava apenas nas partes destinadas a ela nos periódicos, diluindo-se em vários espaços do impresso. Aqui, cabe a concepção de Chalhoub, quando o autor apresenta o caminho de entender a literatura como testemunho, evidenciando o “lugar social do texto” (CHALHOUB, 1998, p. 08), no intuito de percebê-lo no interior dos processos históricos. A ideia de testemunho nos leva a refletir sobre o quanto a literatura não pode ser vista apenas como um reflexo do real, ela também ajuda a construir a realidade.

Toda a discussão acerca da historicização da literatura se justifica pelo fato de observarmos alguns padrões narrativos entre o referido folhetim e algumas notícias como um todo, daí a importância de perceber não apenas o folhetim em seu *locus*, mas, sobretudo, o que o cerca, o que torna necessário analisar o “todo” do jornal, conforme aponta André Caparrelly (2015). Ao analisar o alto do jornal, ou seja, as colunas acima do folhetim publicado no periódico *O Semanário*, encontramos dois artigos que dialogam com a temática desenvolvida na produção folhetinesca *Vozes do Povo* do mesmo periódico. Os artigos estão inseridos na coluna *Secção Livre* e localizados sobre o folhetim.

---

<sup>15</sup> Z. Vozes do povo. *O Semanário*. Teresina, ano 8, n. 317, 1883. p. 01.

<sup>16</sup> Segundo a Mitologia Grega, Pólux e Castor são irmãos e filhos da rainha Leda, esposo do rei de Esparta. Apesar de gêmeos eles são filhos de pais diferentes, sendo Pólux filho de Zeus, portanto imortal, e Castor filho do referido rei.

O primeiro artigo, denominado *Sempre o baile*, discorre sobre a atuação do jornal *A Época*<sup>17</sup>, periódico do Partido Conservador. As críticas dirigidas em torno da gazeta em questão são centradas nos radicalismos do referido partido e, conseqüentemente, do jornal, considerado órgão oficial da agremiação política. Essa questão pode ser evidenciada através do trecho: “Eu digo que pode ser bom conservador, indo-se a um baile liberal. – Ele responde que há de me pôr a cara na bunda”<sup>18</sup>. As reflexões suscitadas no artigo também encontram como ponto de reflexão as demissões ocorridas com a mudança de partido político no poder, temática também abordada no folhetim *Vozes do Povo*<sup>19</sup>, quando a produção denuncia a demissão e o espancamento do personagem Chico Raimundo na ocasião da chegada dos liberais ao poder. Tal aspecto encontra consonância com as problematizações desenvolvidas por Emília Viotti Costa (2010, p. 163), ao analisar a estrutura político-burocrático imperial do final do século XIX. Para a autora, a demissão entre os funcionários e presidentes alinhados à oposição se constituía como uma manobra política amplamente utilizada pelos partidos políticos em época de eleições valendo-se, por vezes, do uso da força como instrumento de demarcação do poder.

Em *A Verdade é esta*, artigo publicado após o anterior, a política também se apresenta como cerne. Dessa vez, a narrativa objetiva suscitar uma reflexão sobre as eleições, com o intuito de discutir o papel do eleitor nas práticas eleitorais, que encontram no espaço político lugar de ramificação<sup>20</sup>. O autor, denominado *o observador*, prescreve que o posicionamento do eleitor “jamais deve sujeitar-se a imposições dos que se dizem ou querem ser chefes ou poderosos em quaisquer partidos, não se devendo dar-lhes mais do que o direito de pedirem, e não o de imposição, visto que já se terem idos outros tempos dos régulos e das chapas de ferro”<sup>21</sup>. Esse caráter ordenador, suscitado no texto, encontra nas críticas acerca das divergências de composição das chapas nas eleições sua justificativa. O autor aponta que a “concordata é o melhor meio para se chegar aos fins desejados, e não haver contrariedades entre amigos e políticos, e os interesses comuns de um

<sup>17</sup> Segundo Pinheiro (1997, p. 224), o periódico *A Época* foi um jornal alinhado às ideologias do Partido Conservador. Circulou entre 1878 e 1889. Teve como redatores bacharéis em direito e intelectuais como Teodoro Alvez Pacheco, Raimundo de Arêa Leão e Simplício Coelho de Resende.

<sup>18</sup> *Sempre o Baile. O Semanário*. Teresina, 1883, n. 329. p. 01.

<sup>19</sup> *Z. Vozes do povo. O Semanário*. Teresina, ano 8, n. 317, 1883. p. 01.

<sup>20</sup> No que tange ao sistema eleitoral do Brasil Império do final do século XIX, é válido destacar a criação da Lei Saraiva (1881), também conhecida como lei do Censo, que inseriu a alfabetização como critério de alistabilidade eleitoral tornando o processo de participação política mais excludente. A reforma eleitoral em questão adotou o voto direto como instrumento de escolha de senadores, deputados, vereadores, juizes de paz e deputados provinciais. Alterou também as condições de elegibilidade ao permitir que imigrantes, como os grandes comerciantes, fiéis que professassem manifestação religiosa distinta do catolicismo, religião oficial do império brasileiro, fossem elegíveis desde que comprovada renda não-inferior a duzentos mil réis.

<sup>21</sup> *A Verdade é esta. O Semanário*. Teresina, 1883, n. 329. p. 02.

partido ordeiro”<sup>22</sup>, o que encontra conexão com o folhetim em questão, uma vez que ele denunciava as práticas políticas que acompanhavam os jogos de poderes.

O fato de os dois artigos e o folhetim *Vozes do povo*, publicados no periódico *O Semanário*<sup>23</sup>, constituírem uma narrativa que se aproxima, nos remete às discussões produzidas por André Caparelli (2015), quando aponta para a utilização de certos esquemas jornalísticos. No caso do folhetim em questão, este exerceria a função de reforçar aquilo que já foi dito anteriormente em outros espaços do jornal. A estratégia de atacar seus opositores, transformando a imprensa em uma tribuna, constituía-se em uma tática bastante recorrente na imprensa periódica do período imperial. A prática de se utilizar do real para a construção das produções folhetinescas é denominada estética de atualidade. Caparelli (2015, p. 123) explica esse regime, apontando dois caminhos para o folhetinista: “ou o escritor recolhe a atualidade que servirá à sua rubrica na própria parte alta do jornal, ou então é impelido a lançar-se no mundo e a recolher diretamente as matérias que serão o conteúdo de sua rubrica”.

As críticas apontadas no artigo *Sempre o baile* ao periódico *A Época* evidenciam que a imprensa era instrumento de disputa de poder entre os correligionários dos partidos políticos que se constituíram no período. Tudo isso porque grande parte dos jornais teresinenses do recorte temporal proposto, em boa medida, estava a serviço dos partidos Liberal e Conservador, sendo uma extensão das tribunas (RÊGO, 2001).

No Brasil, a imprensa é de fato oficializada somente a partir de 1808, com a chegada da Família Real. Contudo, Marco Morel (2015, p. 30) destaca que, anteriormente a esse período, é possível localizar a circulação de diversos tipos de impressos que não ficavam restritos somente às camadas letradas. Desse modo, antes da institucionalização da imprensa no país, localiza-se o trânsito de jornais produzidos na Europa e que atravessavam o Atlântico ainda no século XVIII, como o *Correio Braziliense* e a *Gazeta de Lisboa*, aportando nos trópicos. Outro marco que podemos destacar acerca da emergência da imprensa nacional são as reverberações políticas ensejadas pela Revolução do Porto em 1820, promovendo mudanças na estrutura política colonial, contribuindo com o fim da censura prévia e com os eventos que culminaram com a emancipação do Brasil em 1822 (MOREL, 2015, p. 34).

Andries e Granja (2015, p. 12) destacam que o século XIX configurou-se como uma espécie de “idade de ouro” da imprensa na França e que acabou se estendendo a quase todo o Ocidente e essa afirmativa se ampara em algumas proposições. Primeiramente, é no Oitocentos que

---

<sup>22</sup> A Verdade é esta. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 329. p. 02.

<sup>23</sup> Jornal noticioso e semanal. Teve como proprietário Tomás de Moraes Rêgo e redação de A.J do Amaral Sobreira, tendo como colaborador Higino Cunha a partir de 1882. Circulou entre 1875 e 1885.

verificamos a expansão do jornal como instrumento de divulgação de notícias e a inserção da literatura no jornal. Por certo que o último campo não pode ser visto como algo homogêneo. Possivelmente, essa plasticidade tenha contribuído com o seu desenvolvimento (LIMA, 2006, p. 348). Segundo, é possível observar que o desenvolvimento do impresso modificou uma série de relações, como a de leitura, escrita, temporalidade e a própria percepção de mundo constituindo uma verdadeira civilização, uma vez que ajudava a desenhar a sociedade do período.

A periodicidade com que as notícias eram publicadas – e é preciso realçar o caráter fragmentário, heterogêneo e múltiplo, em que o político dividia espaço com o cotidiano e o literário nas notícias – dava ao jornal uma “impressão de totalidade” (CAPARELLI, 2015, p. 113). Caparelli (2015, p. 113) afirma que “se a integralidade do real, é evidentemente, impossível de ser retratada, o jornal entende compensar esse fato, e assim garantir seu simulacro de uma totalidade”, ou seja, como uma tentativa de legitimação social. E a disseminação das mídias – não somente o jornal, como posteriormente o rádio, a TV e a Internet – é um mecanismo de grande peso na construção e no enquadramento de uma realidade, contribuindo para a composição das visões de mundo dos seus indivíduos a partir do desenvolvimento de uma opinião pública. Essa observação justifica, em larga medida, o fato de alguns pesquisadores da imprensa perceberem o jornal como um elemento constituidor de uma civilização, ou seja, de um conjunto de práticas que ajudaram na formação social do século XIX.

### As ranhuras da escrita e da política: embates internos

O artigo *Sempre o Baile* suscita outra reflexão sobre a imprensa teresinense do período, ao demonstrar que as disputas de poder nem sempre se davam apenas em âmbito conservador *versus* liberal, também se davam no seio no próprio partido político, elemento que se estenderia pelos jornais que se apresentavam como órgão oficial. O *Semanário*, periódico no qual o artigo foi publicado, e que tece uma série de críticas contra o jornal *A Época*, revela o referido aspecto, uma vez que ambos eram periódicos alinhados ao Partido Conservador. Rêgo (2001, p. 169) destaca que a “ligação dos jornais não é só com os partidos, mas com as oligarquias, o que resulta na presença visível do discurso familiar no conteúdo jornalístico”. Isso revela que, para além dos interesses políticos, outras questões atravessavam e constituíam os jogos de poderes, como também indica que a relação entre liberais e conservadores se desenvolvia em bases sociais bastante semelhantes (COSTA, 2010).

Outra possibilidade de diálogo com o folhetim *Vozes do Povo* é estabelecido por meio de outra produção, localizada no rodapé de outra edição do periódico *O Semanário*, denominada

*Transumptos por Antíteses.* O folhetim parece constituir uma sequência do que havia sido narrado na primeira produção folhetinesca, de modo a retratar as animosidades entres os grupos políticos que disputavam os espaços de poder. A narrativa assinada por Y, pseudônimo utilizado na produção, reforça as dicotomias presentes no interior do Partido Liberal na cidade de Oeiras, primeira capital do Piauí. O presente aspecto abre possibilidade para pensarmos sobre as ambiguidades presentes no partido, bem como as dinâmicas que se firmam por meio dessas disputas.

Salomão apertava com as correias, com correntes, mas houve um jaborão que ousou a subtrair dez tribos a despótica arrogância régia. Em Oeiras também pode haver algum liberal bastante livre e nobre para recusar o incenso ao grande arquiteto desta igreja liberala; e então a este partido dos Burlamaques, Ferraz e Brandões – que já foi tão grande e forte – talvez não queira Deus.

(...)

Com efeito, em relação a muitos o nome já não dá a conhecer a cousa (Snino, cabano, curimatá, pajé, &); e, se a Imprensa for avezando à moda de revirar os tipos.

Não é, pois, de admirar que por aí se dissesse que Pereiras Nunes hão de vingar o Sr. de Paranarguá. A Tuno – Jeremiada vai andando o seu caminho: nos dizem – corpo de delito, queixa, processo & tudo vai por diante; e o resto ... como for Deus servido.<sup>24</sup>

O termo “igrejinha liberala” seguido dos sobrenomes responsáveis pela criação e sustentação do partido, possibilita o exercício de entender parte do processo de criação partidária. Essa, por sua vez, firma-se por meio das instituições familiares que se estabeleceram no Piauí desde os primórdios. Nesse sentido, a composição das elites da província é resultado dos arranjos familiares que geraram três grandes grupos políticos do período: os Coelho Rodrigues, os Castelos Brancos e os Pereira Ferraz que, por sua vez, formaram alianças familiares com outros grupos, como os Sousa Martins, Araújo Costa e os Burlamaqui (RÊGO, 2001, p. 183).

Dos sobrenomes citados, o folhetim faz menção, pelo menos, a dois: Burlamaqui e Ferraz. A fim de mostrar a importância da emergência de famílias enquanto instrumento fomentador de grupos políticos no estado do Piauí, Rêgo (2001, p. 183) nos oferece uma amostra ao analisar algumas trajetórias de alguns troncos familiares. Dentre eles, determinados trajetos analisados pela autora evidenciam o percurso político de Polidoro César Burlamaqui. Para além de ser descendente do referido grupo familiar, Polidoro é também proveniente dos Castelos Branco. Foi presidente provincial no Piauí em 1867. Ideologicamente, durante seu percurso político, ora pendeu ao Partido Liberal, ora ao Partido Conservador (RÊGO, 2001, p. 206). O folhetim em análise evidencia uma aproximação entre os Burlamaqui e os liberais. É por meio desses grupos que o poder político se

<sup>24</sup> Y. Transumptos por antíteses. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 317. p. 01-02.

operacionaliza ao se encontrar centralizado em suas mãos, passando de geração em geração. O presente aspecto ajuda a delinear a cultura política no Piauí. As alianças políticas entre os referidos grupos ensejaram a formação dos dois fortes grupos do cenário político Imperial no Piauí, em torno da liderança de duas figuras emblemáticas oriundas desses arranjos familiares: João Lustosa Nogueira de Paranaguá, presidente do Partido Liberal, e Antônio Coelho Rodrigues, líder do Partido Conservador na província piauiense. Nunes (2016, p. 44) destaca que as principais lideranças políticas dos referidos partidos possuíam influência política em nível provincial, sendo inclusive conselheiros do Império.

No que tange ao Marquês de Paranaguá, citado no folhetim *Transumptos por Antíteses*, é possível perceber sua forte atuação frente ao parlamento imperial e como componente de alguns ministérios, como o da Justiça. Além de atuar na magistratura, foi nomeado presidente de províncias – como Bahia (1881-1882), Maranhão (1858-1859) e Pernambuco (1865-1869) –, além de ter sido senador vitalício (CASTRO, 2009, p. 11). À semelhança de Paranaguá, Antônio Coelho Rodrigues, descendente direto dos troncos dos Coelhos Rodrigues e Sousa Martins, alcançou certo destaque em nível nacional ao participar, por exemplo, da redação do Código Civil em 1890 (RÊGO, 201, p. 199). Atuou como deputado da assembleia provincial e como magistrado, tendo inclusive percorrido os caminhos da docência nas Ciências Jurídicas (RÊGO, 201, p. 199). Outro ponto que também devemos destacar é atuação do intelectual como mentor e redator dos jornais *O Piauí*<sup>25</sup> e o *Conservador*<sup>26</sup>, duas folhas noticiosas alinhadas ao Partido Conservador.

Para Berstein (1998, p. 60), os partidos políticos “são lugares onde se opera a mediação política”. Mais do que isso, o autor problematiza o presente elemento, de modo a percebê-lo nos distanciamentos entre os modelos que pretendiam exprimir suas agendas ideológicas e suas práticas sociais. A presente observação se aplica ao caso dos jogos partidários do final do século XIX, em Teresina. Oriundos de um mesmo sustentáculo social, a distinção entre liberais e conservadores se operava mais em nível discursivo do que exatamente no fazer político. Emília Viotti Costa (2010, p. 163) destaca que, por vezes, “a filiação partidária fosse geralmente mais uma questão de família e parentesco do que ideologia”.

A produção folhetinesca localizada no rodapé do jornal *A Phalange* nos dá uma dimensão de como tais questões são retratadas. A narrativa de *O Homem Phenomeno* constitui uma sátira utilizada para denunciar as migrações partidárias que ocorriam. A produção gira em torno de um

---

<sup>25</sup> Órgão do Partido Conservador. Fundado e Redigido por Antônio Coelho Rodrigues e Agesilau Pereira da Silva. Circulou em 1867.

<sup>26</sup> Substituiu o jornal *O Piauí*, passando a ser órgão oficial do Partido Conservador. Circulou entre 1874 e 1876.

## O folhetim como arena de disputas político-partidárias...

personagem que é apresentado ora como liberal, ora como conservador, ora como republicano. De modo claro, é perceptível observar o teor denunciativo da produção.

-Pois bem, ouvi-me, este velhaco é indigitado como um farsista e comediante de primeira força! Logo ao chegar a maioridade, apregoava-se republicano, mas tendo-o chamado mais tarde a Redação da “Época” para moço de recados, ele não teve dúvidas – virou camisa declarando-se conservador totis e tribue, e quebrando lanças por tudo que dizia a respeito a situação. Seguindo depois para Recife, onde vivia sempre com a onça na algibeira por causa da sua negação, para o trabalho, e por só querer andar e por querer só andar flanando pelos cafés, implorou a caridade evangélica de um distinto magistrado que, apiedando-se do mísero, socorreu-o com o pão de cada dia e arranhou-lhe uma pequena sinecura no “Diário de Pernambuco”. O Maroto para ser mais agradável ao seu benfeitor virou a ceroula, isso é, declarou-se liberal e começou desde logo a apregoar as virtudes beatificadas do sr. M. de Parnaguá. Entendendo quem poderia explorar a situação e mesmo por não poder continuar no Recife, em virtude de um bonito calo que pregou no sr. M Figueiroa, partiu de lá para esta capital, onde adulando os liberais seus correligionários e depois de ter percorrido meia província à custa do governo, conseguiu ser nomeado promotor em Parnaíba, embora vivendo na capital. Estava, pois, o patife nestas disposições de espírito, bem satisfeito, e de tal maneira que quando chegou a notícia de ter sido chamado pelo ilustre chefe liberal, ele correu logo a lavrar em casa de sr. R. Theodorico um daqueles estupendos bestiológicos que só não foi publicado por chegar outra notícia asseverando ter S. M conferenciado com os presidentes – Barão de Cotegipe e Pádua Fleury. E sabeis o que operou nesta massa informe de ingratidões, logo que constou por telegramas, ser verdadeira a ascensão do partido conservador ao poder, sendo escolhido para encetar a afinação e venerando sr. J. Maurício Wanderley? - Mudou de Política outra vez, ou por outra declarou-se conservador, assoalhando que o sr. deputado pelo 2º distrito nunca o demitiria de promotor de Parnaíba, visto ver seu distinto correligionário e amigo. Ainda não é tudo, meus srs. – Este brejeiro é uma ave de arribação, como vou demonstrar-vos. Vós todos sabeis a cisão que se abriu no seio do partido conservador, dividindo-o em resendista e centrista. Por esse tempo, desejando o notável Budião de escama sua nomeação para juiz municipal de Piracuruca, e vendo que o deputado pelo segundo Distrito tinha grande influência perante o governo geral, tanto fez tanto apregoou-se phalangista até que conseguiu seu intento. Mas oh! Monstro de perfídia! Logo que agarrou o ossinho deu sebo nas canelas, e foi um dia... virou a pele da cara, e declarou-se conservador centrista, apesar de ainda visitar a título de amigo os seus ex-protetores para ouvir-lhes as mágoas e depois ir envenená-las em conciliábulos de sussuaranas, presidido pelo notável Sr. Baéte! É o que tenho a dizer-vos , sr. juiz sobre este pária. - Tem a palavra o primeiro da esquerda. - Começarei dizendo, sr. juiz, que esse farsista, plagiário flagrado muitas vezes em flagrante delito, tem o hábito inveterado de apregoar-se notável polemista e ilustre mestre de ofício, consistente em murchar as orelhas para trás, razão porque já foi convidado algures para reger a cadeira de idiota da Universidade da Tamarineira, e a de couceologia da Faculdade do Brum.<sup>27</sup>

A citação longa se fez necessária para que fosse possível visualizar de forma mais detalhada como a presente narrativa é construída. Sob o manto do pseudônimo denominado *Asno das Asnidade*, o detalhamento dado ao sujeito em questão nos leva a crer que tais críticas eram

<sup>27</sup> ASNIDADE, Asno das. O Homem Phenomeno. *A Phalange*. 1889, n. 06. p.01-02.

direcionadas a uma autoridade política que compunha o cenário político teresinense. Iniciando a narrativa como republicano, nosso personagem logo mudara de grupo, alinhando-se ao lado dos conservadores, que, segundo o autor, era o partido situacionista. Indo para a cidade de Recife, torna-se liberal. Ao regressar à capital piauiense conseguiria o cargo de promotor na cidade de Parnaíba, localizada no litoral do Piauí. Com a subida dos conservadores ao poder, mais uma mudança partidária é ocorrida, de modo a se alinhar ao Partido Conservador.

Alguns trechos do folhetim abrem possibilidade de aproximação entre a narrativa desenvolvida em *O Homem Phenomeno* e a trajetória de Anísio de Abreu<sup>28</sup>. Segundo Monsenhor Chaves (CHAVES, 1998, p. 556), em 1882, o intelectual ingressou no curso de Ciências Jurídicas da Faculdade de Recife. Durante o tempo em que esteve concluindo as cadeiras subjacentes ao curso superior em questão, contribuiu com alguns periódicos da capital pernambucana, como o *Jornal de Recife*<sup>29</sup>, *A Província*<sup>30</sup> e o *Diário de Pernambuco*<sup>31</sup>, este último citado pela produção folhetinesca<sup>32</sup>. Além desse elemento, outros surgem de modo a reforçar que a crítica era mesmo dirigida ao referido intelectual, como o fato de ter sido colaborador do periódico *A Imprensa*, demonstrando seu alinhamento ideológico ao Partido Liberal. Nessa ocasião, segundo Chaves, Anísio foi nomeado Promotor Público de Parnaíba, cidade localizada ao norte do estado do Piauí. Com a subida do Partido Conservador, permaneceu no cargo até 1888, momento em que foi nomeado para Juiz Municipal da cidade de Piracuruca, também localizada no norte do estado (CHAVES, 1998, p. 556).

Outro aspecto que deve ser ressaltado sobre a produção diz respeito à própria cisão do Partido Conservador, que foi retratada no folhetim. Ao narrar a troca do personagem do grupo liberal para o conservador, com o intuito de se manter no cargo de Promotor em Parnaíba, o autor cita a formação de duas facções em torno do último grupo político, dividido entre Centristas e Resendistas. O surgimento do periódico *A Phalange* está inserido nessas disputas que se processavam no prelúdio do processo republicano. A folha noticiosa surgiu em 1889, por meio de Coelho de Resende. Rêgo (2001, p. 92) assevera que sua emergência está ligada “muito mais em degradar os opositores intrapartidários, do que denunciar ou guerrear contra os liberais”. Sem se

---

<sup>28</sup> Nasceu em Teresina em 1862, formou-se bacharel em Direito pela Faculdade de Recife, foi Magistrado e teve atuação política como deputado provincial constituinte entre o final do século XIX e início do XX. Faleceu em 1909, momento em que cumpria mandato como Governador do Estado do Piauí.

<sup>29</sup> Jornal de caráter noticioso que circulou na cidade de Recife, capital de Pernambuco, entre os séculos XIX e XX, tendo Tobias Barreto e José Lins do Rêgo como editores, revisores e colaboradores.

<sup>30</sup> Circulou entre os anos de 1872 e 1933. O periódico atravessou várias fases, a princípio foi Órgão do Partido Liberal em Recife, posteriormente órgão do Partido Republicano, tendo como um dos redatores nessa fase Gilberto Freire.

<sup>31</sup> Periódico surgido em 1825, criado pelo tipógrafo Antônio José de Miranda Falcão. É considerado um dos jornais mais antigos da América Latina, ainda hoje em circulação.

<sup>32</sup> ASNIDADE, Asno das. *O Homem Phenomeno*. *A Phalange*. 1889, n. 06. p.01-02.

aprofundar na questão, a autora revela a incidência de facções no interior do Partido Conservador. Esse ponto encontra consonância com a nota biográfica sobre Anísio de Abreu, analisada anteriormente, reforçando mais ainda a tese de que as críticas fossem de fato direcionadas ao intelectual. Chaves evidencia que, no ano de 1888, assiste-se, em Teresina, ao surgimento de uma facção partidária desenvolvida no interior do Partido Conservador, denominada *Centro onça* e à qual Anísio se alinhou (CHAVES, 1998, p. 557).

Se em *O Homem Phenomeno* levantávamos apenas uma hipótese sobre a quem seria direcionada a crítica, em *Conselho da bicharia*<sup>33</sup>, publicado no rodapé do mesmo periódico que a produção anterior, parece confirmar nossas suspeitas. O primeiro ponto a ser levantado diz respeito aos nomes dos autores das duas produções. No primeiro folhetim, a autoria é assinada por *Asno das Asnidades*. Na segunda trama, a autoria é assumida por alguém que se nomeia *Anísio das Asnidades*, ou seja, o nome de Anísio já aparece de maneira explícita na referida produção.

No folhetim *Conselho da bicharia*, os ataques também são endereçados a determinado grupo político. Os animais são retratados de modo a realçar suas características decadentes, bem como seus vícios. Nas artes, de modo geral, utilizar a figura de animais para representar a condição humana, é recorrente, a exemplo de *A Revolução dos Bichos* (ORWEL, 2007) e *Maus* (SPIEGELMAN, 2009). Nesse sentido, a representação do Asno nos chamou atenção. O animal é significado como um traidor, um ser que muda de lado, de partido, conforme seja favorecido. Isso encontra conexão com o retratado em *O Homem Phenomeno*, como também em alguns pontos narrados por Chaves, ao construir o traço biográfico de Anísio de Abreu (CHAVES, 1998, p. 557). Não somente isso, o termo Asno é utilizado tanto para nomear a autoria da presente produção quanto é empregado para caracterizar a possível trajetória de Anísio de Abreu, como a questão da troca de partido.

Aí a bicharada, em alarido horroroso manifestou-se por meio de aplausos estrondosos por entre os quais notava-se uma confusão infernal.

- O que é isto? Perguntavam umas.

E todas em um coro trágico e sinistro:

- É a anta nova e formigueiro. Deixem a falar a cacotte. Levem para a tribuna a Luíza Michel.

E, de fato, leitores – era uma anta nova, descabelada, de olhar vesgo e ousado, saracoteando, bolindo com o rabo, e brava e felina como cadela a ciumar os filhos. Seguia-se a ela um animal raro na espécie, cabelo pixainhos, cor de piranha cozida. Ambos saudaram a bicharia.

<sup>33</sup> ASNIDADADES, Anísio da. O Conselho da Bixaria. *A Phalange*. Teresina, 1902, n. 02. p.01.

Era o tamanduá, acompanhado do formigueiro, galgando a anta nova imediatamente a tribuna.

- Estou hoje danada, caras amigas! Agora mesmo acabo de ver no rez de chaussé de um papelucho imundo o meu retrato garatujado a carvão e black verniz.

Eu, toda a vós o já sabeis, sou um animal comum de dois.

-Sim, anta nova, tu és comum de dois quanto ao gênero, mas quanto às espécies de partidos políticos nunca deixastes de ser comum de todo mundo ou de quem melhor te pagasse o ofício. Nós já te conhecemos: tu és nova na idade, porém, velha na patifaria, e tanto que já comeste a vergonha com a farinha seca! Deixa-te, pois, de arengas e desce a tribuna – nós queremos ouvir o tamanduá que sobre ser traíçoeiro e felino, leva vantagem a ti em possuir a toga e ser chamuscado.<sup>34</sup>

Ainda no exercício de problematizar como as produções folhetinescas eram utilizadas como arena de ataque, evidenciamos a produção *Firminowitz*, publicada no periódico *A Época*, em 1883<sup>35</sup>. Ao analisar os elementos pré e pós-textuais do folhetim, título, autoria, nomeado por *H TMAN*, localizando a produção em *New Moscou*, Rússia, acreditamos que se tratava de uma produção internacional que eventualmente aportava nos jornais teresinenses. Mas a leitura e a análise do texto nos fizeram perceber que o folhetim se tratava de uma crítica direcionada às questões político-partidárias que compunham a cultura política partidária piauiense no final do Oitocentos. Por ser um jornal de caráter político, *A Época* configurou-se como uma folha noticiosa alinhada ao Partido Conservador.

O ano de 1883 demarca a subida dos Liberais ao poder. Nesse momento, fora nomeado o liberal Emídio Adolfo Vitória da Costa para a presidência da Província no Piauí (RÊGO, 2001, p. 201). Constituía elemento das práticas políticas do período a nomeação de presidentes provinciais de outras regiões do Brasil. Rêgo (2001, p. 200) pontua que, em decorrência da alternância constante dos partidos monarquistas no Segundo Reinado, passam muitos “forasteiros” pela província do Piauí. Homens de confiança dos partidos, os nomeados, muitas vezes, nem exercem suas funções, são logo substituídos ou governam, figurativamente, já que o poder continua nas mãos dos chefes locais. A presente observação recai sob o então presidente da província piauiense, por meio do quadro estabelecido por Rêgo (2001, p. 211) com a finalidade de listar os presidentes provinciais de origem não piauiense, em que figura o nome de Emídio Costa. Governava em seu lugar o vice-presidente Firmino de Sousa Martins, que exerceu a presidência em 1870, 1880, 1883 e 1889.

Firmino é um beribérico, é um alienado. Já foi um homem, hoje falta-lhe racionalidade. Já é um bruto, porque se parece com o tipo da nossa espécie. Nele

<sup>34</sup> ASNIDADADES, Anísio da. O Conselho da Bixaria. *A Phalange*. Teresina, 1902, n. 02. p.01.

<sup>35</sup> H TMAN. *Firminowitz*. *A Época*. Teresina, 1883, n. 262. p.01

apenas se pode ver um caso especial de alienação mental, consequência do beribéri. Há alguns anos esse infeliz foi atacado da terrível moléstia, e posto que seu corpo tenha conseguido restabelecer-se, o seu espírito continua em uma desordem lamentável e até certo ponto ridícula. Talvez porque fosse ele naturalmente dotado de um temperamento belicoso, a moléstia, em vez de produzir uma imbecilidade ou idiotismo passageiro, deixou-lhe ao contrário uma insânia ou furor contínuo e persistente. Como todo louco tem um coitado e sua mania. Capacitou-se de quem descende dos Czares, que é nobre, poderoso, augusto, quase rei, e ei-lo chamando-se a si mesmo de – Firminowitz. Entende que todo tirano, não medíocre, precisa de vítimas, de golpes, de cadáveres, e como o monarca russo debela os niilistas, o seu colega piauiense, o czar caturra e grotesco – Firminowitz - persegue, fustiga, escoiceia os conservadores do Piauí. Não sabemos como entrarão nos cascos desses animalejos tão disparatadas ideias e apesar da compaixão que merece todo aquele que é acometido de alienação mental, não podemos conter o riso quando vemos o nosso cômico autocrata, iracundo, medonho, desconfiado, ameaçando céus e terras, sonhando acordado com alfanges, cutelos, canhões e masmorras, esmiralhando, catando, farejando tudo quanto pode prejudicar os conservadores - seus niilistas. Às vezes o delírio acende um grau tão elevado que causa dor vê-lo com as narinas dilatadas, olhos espavoridos, suado, inquieto, arfando de cólera, mordendo os punhos do paletó a praguejar como um possesso. Nos intervalos de mais calma vemo-lo grave a majestoso, olhando com desdém os apaniguados que formam a guarda palaciana, recusando manchar os sacros lábios com um nome niilista saboreando as louvaminhas e bajulações que cercam os seus servos.<sup>36</sup>

E qual a relação entre a produção folhetinesca publicada no periódico *A Época* e a última figura política? Acreditamos que o folhetim em questão tenha como alvo de críticas endereçadas ao vice-presidente provincial que comandava o Piauí nesse período. Alguns elementos reforçam a presente ideia. Primeiro, foneticamente o título nos remete ao nome de Firmino. A partir da leitura e análise do folhetim em questão, tal aspecto é reforçado na produção quando o nome de Firmino é citado explicitamente. As representações construídas em torno do personagem se desenvolvem de modo a aproximá-lo da figura do Czar, autoridade Imperial Russa. A presente relação teria o intuito de ressaltar a tirania de Firmino, objeto da narrativa. Desse despotismo adviria o fenômeno denominado Firminowitz, marcado pela opressão direcionada aos conservadores.

### Considerações finais

O estudo sobre os usos políticos nos folhetins dos periódicos piauienses abriu possibilidade para visualizarmos o cenário político-partidário que se processava em Teresina no final do século XIX. Não é novidade que durante o período os jornais configuram-se como um importante instrumento de constituição política, bem como espaço de disputas e querelas, afinal de contas, os periódicos representavam órgãos oficiais dos partidos políticos. Mas engana-se que o político

<sup>36</sup> H'TMAN. Firminowitz. *A Época*. Teresina, 1883, n. 262. p.01

ficaria restrito somente a algumas áreas dos jornais. Por vezes, elas invadiam o rodapé das folhas noticiosas se utilizando do espaço folhetinesco transformando o noticioso em literário e esse, por sua vez, em notícia.

O texto demonstrou que as produções folhetinescas de caráter político nos periódicos analisados – *Latiqvara*, *A Phalange* e *O Semanário* – apresentam novas possibilidades de usos forjando outras imagens e representações. Essa observação nos distancia dos velhos esquematismos problematizando apenas uma face do objeto. Pensar nas produções folhetinescas é também pensar na complexidade que os atravessa, é pensar nas miscelâneas que compõem o seu repertório. Nesse sentido, o espaço folhetinesco era palco onde as penas eram empunhadas, a escrita era utilizada como instrumento combativo, uma vez que essas produções localizadas no espaço do rodapé dos jornais denunciavam, atacavam, desnudavam seus opositores.

Os ataques poderiam ser direcionados tanto aos sujeitos como aos partidos políticos. Cada denúncia, disputas, ou polêmicas, apresentavam como subsídios para entender o cenário político da época, não apenas como os liberais e conservadores demarcavam seus espaços, mas como as próprias contradições se processavam, como as dissidências partidárias emergiram em um cenário em que as instituições burocráticas estavam a serviço dos partidos políticos. Aqui, o folhetim é utilizado como uma grande vitrine onde se expunha e ajudava a constituir o campo político em Teresina em fins do século XIX.

### Fontes Consultadas:

- ASNIDADE, Asno das. O Homem Phenomeno. *A Phalange*. 1889, n. 06. p.01-02.
- ASNIDADADES, Anísio da. O Conselho da Bixaria. *A Phalange*. Teresina, 1902, n. 02. p.01.
- A Verdade é esta. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 329. p. 02.
- H'TMAN. Firminowitz. *A Época*. Teresina, 1883, n. 262. p.01
- O ENGOLE ESPADA. *O Latiqvara*. 1889, n. 01. p.02
- Sempre o Baile. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 329. p. 01.
- Y. Transumptos por antíteses. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 317. p. 01-02.
- Z. Vozes do povo. *O Semanário*. Teresina, ano 8, n. 317, 1883. p. 01.

### Jornais:

- A Phalange*. (1889)
- A Pátria*. (1871)
- A Época*. (1883;1884)
- A imprensa* (1884;1885;1886;1888)

## O folhetim como arena de disputas político-partidárias...

*A Reforma* (1887)

*Oitenta e Nove* (1884)

*O Abolicionista* (1884)

*O Latiquara* (1889)

*O Pianby* (1869;1870)

*O Semanário* (1883;1884)

*O Telephone* (1882; 1885, 1888;1889)

### Referências bibliográficas:

ARAÚJO, Vinícius Leão. *História e Imprensa: a cultura política em jornais piauienses de 1868 a 1875*. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, 2013.

BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: RÉMOND, René (Org). *Por uma História Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean- François. (Orgs.). In: *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

CANO, Jefferson. Nas Trilhas da Crônica: Literatura e Imprensa no Rio de Janeiro do Século XIX. In: GRANJA, Lúcia. ANDRIES, Lise. (Org.). *Literaturas e Escritas da Imprensa: Brasil / França, século XIX*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2015. Coleção História da Leitura. p. 73-106.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAPARELLI, André. O Folhetim e a Crônica na França e no Brasil: Produção e Recepção Midiática em Meados do Século XIX. In: ANDRIES, Lise; GRANJA, Lúcia. (Orgs). *Literaturas e Escritas da Imprensa: Brasil/ França, Século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 107-129.

CARVALHO, José Murilo de *A Construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. A Vida Política. In: \_\_\_\_\_ (org.). *A Construção Nacional (1831-1889)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. Coleção História do Brasil Nação.2012. p. 82-127.

CASTELO BRANCO. *História e Masculinidades: a prática escriturísticas dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008.

CASTRO, Chico. *Marquês de Paranaguá (1821-1912)*. Brasília: Câmara dos Deputados. Coleção Edições Câmara, 2009.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História Contada: Capítulos da História Social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger; PAIRE, Alain. (Orgs.). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CHAVES, Monsenhor. *Obras Completas*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*.9 ed. São Paulo: UNESP, 2010.

DUMASY-QUEFFEÉLÉC, L. Le Feuilletton. In: KALIFA.D.; RÉGNIER, P.; THÉRENTY, M. VAILLANT, A. (Orgs.). *La Civilisation du journal: une histoire de la presse française au XIX siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011. p. 925-936.

GRANJA, Lúcia. ANDRIES, Lise (Orgs.). *Literaturas e Escritas da Imprensa, Brasil/ França, século XIX*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015. Coleção História da Leitura.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis - antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção*. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2018.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 45-82.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. Um fenômeno poliédrico: O romance-folhetim Francês do século XIX. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Porto- Alegre, n. 02., v. 02, 1994. p. 123-136.

MOREL, Marco. Os Primeiros Passos da Palavra Impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 23-44.

NADAF, Yasmim Jamil. *Rodapé das Miscelâneas: folhetins nos jornais mato grossense: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2002.

NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida. *Oligarquia Pires Ferreira : família e poder político no Piauí (1889-1920)*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2016.

ORWELL, George. *A Revolução dos Bichos: um conto de fadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017. E-book Kindle.

PINHEIRO, Celso. *História da Imprensa Piauiense*. Teresina: Editora Zodíaco, 1997.

QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa Piauiense: Atuação Política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chave, 2001.

RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

THÉRENTY, Marie- Éve. Escrever Folhetins e continuar brasileiro é realmente difícil? O Folhetim de Crônica Parisiense como matriz do Jornalismo Literário no século XIX. In: GRANJA, Lúcia. ANDRIES, Lise. (Org.). *Literaturas e Escritas da Imprensa: Brasil / França, século XIX*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2015. Coleção História da Leitura. p. 57-72.

Recebido em: 10.12.2022

Aprovado em: 01.02.2023